

Will Eisner

Grafiteiro do caos urbano

O criador de Spirit, história em quadrinhos que desvenda o mistério das metrópoles, está no Brasil

Rogério Montenegro

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Sua memória é fotográfica e dela extrai sua arte: desenhar. Apaixonado pelas ruas imundas, becos, encanamentos e mistérios das metrópoles, Will Eisner, o genial autor de Spirit, uma das histórias em quadrinhos que se tornaram uma legenda no mundo, costuma ensinar: "Se você quer captar a alma das grandes cidades, vá para o centro no horário do pôr-do-sol." E, aplicado aluno da própria lição, ele sai de seu hotel — apropriadamente, encravado no bairro oriental da Liberdade, em São Paulo — atravessa a rua e, diante de um muro de um velho estacionamento, depara com um grafite delicioso: o rosto de seu herói, o "Spirit". Então, num gesto tranqüilo, dispara seu "spray preto" e assina a reprodução.

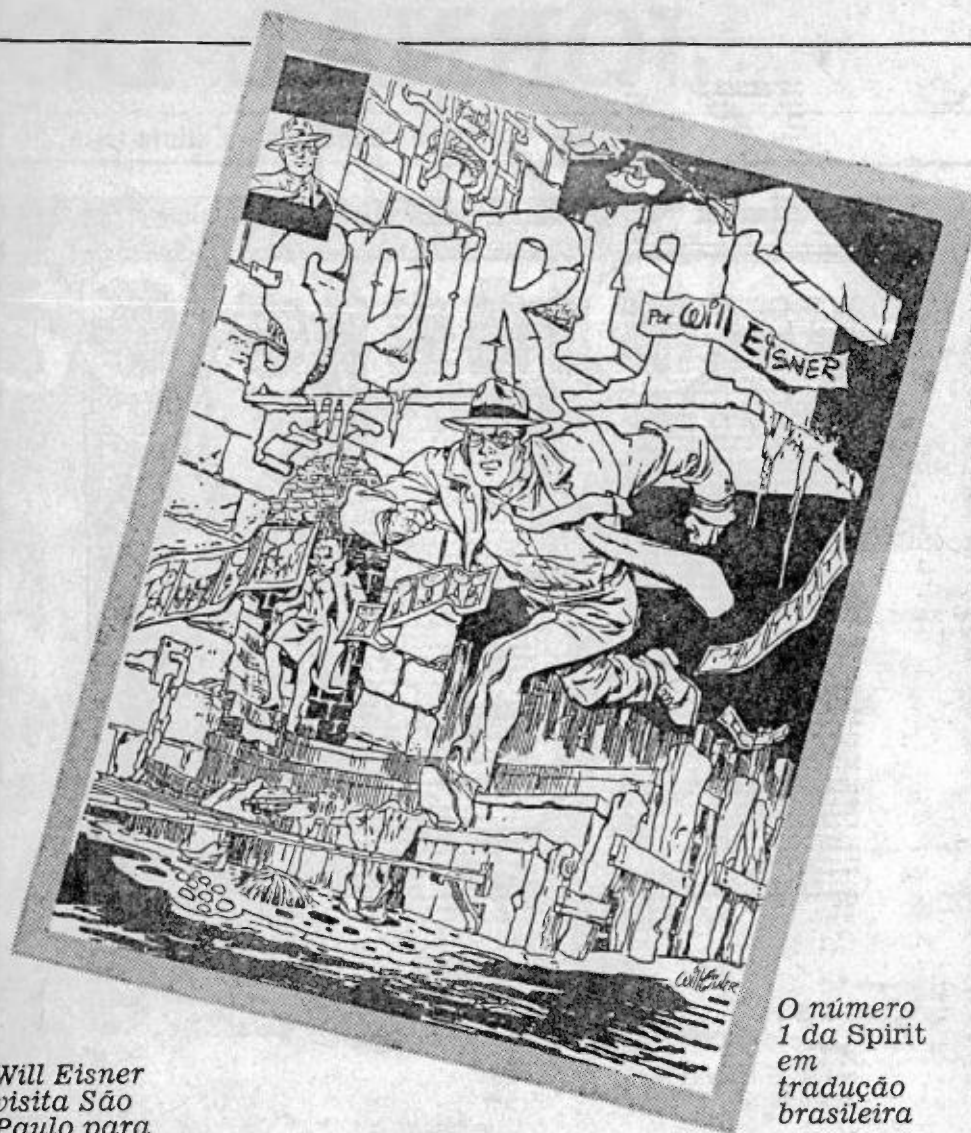
Eisner está em São Paulo, especialmente para o lançamento do número 1 de suas histórias, lançado pela editora NG e que estará a cada mês nas bancas do país. O grafite de seu herói não está apenas nesse muro da Liberdade, mas foi espalhado pela cidade por Julio Barreto, 21 anos, grafiteiro que faz parte da legião de fãs do herói nascido, em 1940, nas páginas do jornal The Detroit News. Enquanto os leitores podem lambar os beijos e beber da nostalgia de Spirit, Will Eisner, em seu apartamento no Hotel Nikkey Palace, repete sua ligação mágica com o caos urbano.

"Eu me lembro dos lugares por que já passei e é exatamente isso: desenho pela memória. Durante a grande depressão, em 1933 (nos Estados Unidos), vendia jornais na rua. Ah... não chorem: agora sou um milionário. Mas, naquele tempo, eu me encantava com a cidade, como me encanta até hoje, ver a cidade se movimentando pela minha frente, as milhares de vidas nas janelinhas dos prédios, as sombras dos lugares... a sombra..."

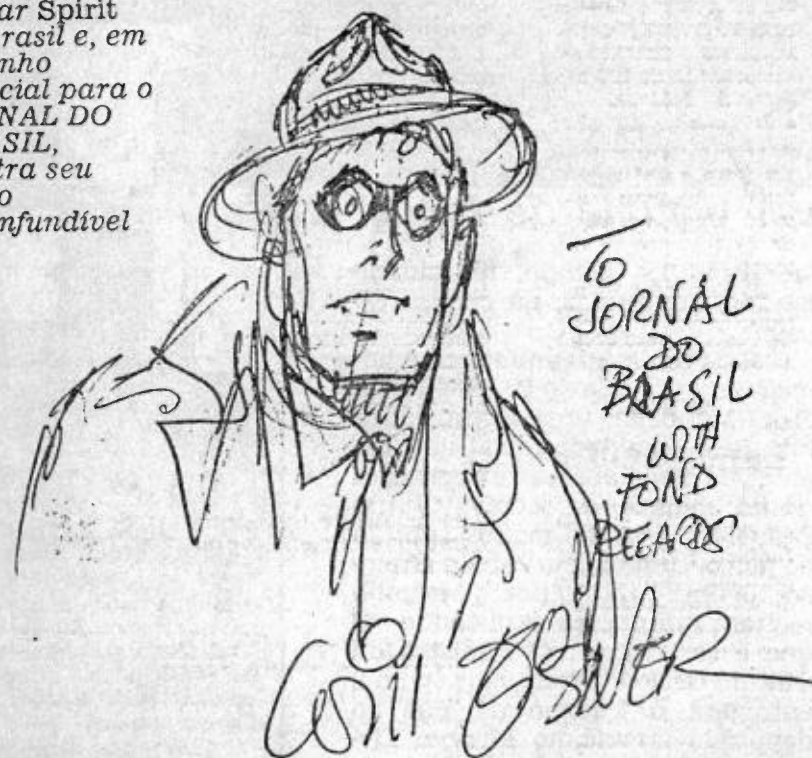
E assim, com humor, uma ponta de ironia e deixando claro sua compaixão pelos seres humanos, Eisner repassa sua criação maior: ele observa que os críticos têm razão quando seus textos são influenciados pela ironia amarga



Will Eisner visita São Paulo para lançar Spirit no Brasil e, em desenho especial para o JORNAL DO BRASIL, mostra seu traço inconfundível



O número 1 da Spirit em tradução brasileira



de um Gogol ou de um Tchecov. "É uma verdade. Admito. Mas recebi muitas outras influências, já que não se pode nem mesmo ir à padaria sem voltar para casa transformado", diz ele, num sorriso malicioso.

Ao lado da mulher, Ann, uma serena e falante senhora que por ironia detesta quadrinhos, mas se declara apaixonada pelo marido, o criador de "Spirit" está no Brasil, pela segunda vez. A primeira ocorreu há dez anos,

quando participou de um congresso de histórias em quadrinhos, na pequena cidade de Avaré, no interior de São Paulo. Ele folheia o exemplar da revista "Spirit" e comenta que se sente orgulhoso de ser comparado ao cineasta Orson Welles no artigo de Alvaro de Moya, um estudioso em quadrinhos e, é claro, mais um fã ardoroso do "Spirit".

Aliás, há quem diga que as histórias de Spirit têm muitas semelhanças com os macetes altamente criativos de Cidadão Kane, filme lançado no ano de 1941, do detetive particular e criminologista Denny Colt, que, após ser considerado morto, retorna na pele e máscara de Spirit. O número 1 da edição brasileira publica a primeira história de Spirit, e o leitor iniciante poderá, então, conhecer e saborear uma trama de vilãs sedutoras e malfeitores, diante do galante perseguidor herói, cujo endereço oficial é uma catacumba; e uma pequena lápide, o seu cartão de visitas. Nessa edição, há outra boa história: a hilária versão do conto de fadas Cinderela, dedicada, vejam só, aos delinquentes juvenis do ano de 1947.

Spirit foi publicado em mais de 30 países, e, com um acervo de mil histórias, Eisner deixou de desenhá-lo em 1952. Nesta época, ele vivia uma tranqüila vida de empresário no setor de material didático que fundara depois da Segunda Guerra Mundial. Ele só retomou seu herói em 1970, com o lançamento de Will Eisner's Spirit Magazine, quando lapidou muitas das antológicas aventuras de sua obra.

Dono de uma simplicidade natural, Eisner, também professor da Escola de Artes Visuais de Nova Iorque, sempre tem um conselho aos alunos: "Costumo dizer que vivemos numa cidade delimitada pelo chão e não pelo horizonte. O segredo dos artistas que moram e absorvem a ambientação visual dos grandes centros está na perspectiva".

Ele confessa que hoje seus leitores são aquelas pessoas que perdem malas no metrô. "Sempre aparecem novos fãs, mas o público de quadrinhos, na realidade, diminuiu. Agora a vida é vista através de um tubo. Os mais jovens são constantemente bombardeados nas telas de cinema e tv por uma violência muito mais explícita que a das minhas histórias".

Will Eisner não é refratário ao cinema. "O único cineasta que poderia traduzir "Spirit" para a imagem em movimento se chama Fritz Lang (o grande cineasta alemão de "Metropolis"), mas ele já morreu. Em compensação, um homem de 50 anos pode tranqüilamente comprar seu gibi nas bancas e não sentir vergonha", observa ele. É verdade.